

Tradição,
família e
prática
esportiva: a
cultura
japonesa e o
beisebol no
Brasil

Katia Rubio*

*Do Japão,
quero um microcomputador barroco
que seja louco e desprograme a dor*
Gilberto Gil

Resumo

O presente artigo apresenta, com base na perspectiva etnográfica, o beisebol no Brasil e sua vinculação com as tradições japonesas. Analisou-se a prática do beisebol brasileiro a partir do ponto de vista dos descendentes de japoneses, que vieram e se instalaram no Brasil, adequaram um estilo de vida próprio e característico a um espaço físico e cultural tão diverso daquele deixado no extremo Oriente. Apesar da associação inicial com a cultura japonesa o beisebol brasileiro é hoje uma modalidade 'mestiça', uma vez que é cada vez maior o número de descendentes de ocidentais que a praticam.

Abstract

The present article shows, based in the ethnographic perspective, the baseball in Brazil and its links with the Japanese traditions. This discussion shows the practise of the Brazilian baseball is to comprehend as the Japanese descendants, who came and settled in Brazil, they adapted their characteristic life style to a physical and cultural space so different to that left in the east. The conclusions indicate that in despite of the initial association with the Japanese culture the baseball is today a "mestizo" modality, once that there is every time more Japanese descendent who practise it.

INTRODUÇÃO

Considerado um caldeirão pluriracial e, conseqüentemente, multicultural, o Brasil se distingue de outras nações do planeta não por seu poder econômico, nem pela 'democracia', por seu 'capitalismo' ou tampouco por sua Revolução Industrial. DaMatta (1990) vem se esmerando no estudo das razões que fazem o Brasil, Brasil, e no elogio à diferença e à alteridade aponta: "ao contrário dos Estados Unidos, nunca dizemos 'iguais, mas separados', porém 'diferentes, mas juntos', regra de ouro de um universo hierarquizante como o nosso (p. 16)".

Essas diferenças, ainda que se misturem, são mantidas e organizadas socialmente, preservando a cultura de povos como os que imigraram para o Brasil ao longo do século passado e deste.

A compreensão que tenho de cultura é tanto descritiva ("conjunto de práticas e dos comportamentos sociais inventados e transmitidos no grupo: a língua, os ritos e os cultos, a tradição mitológica, mas também o vestuário, o 'habitat' e o artesanato constituem elementos essenciais dela", Favrod, 1977:70) quanto semiótica ("acreditando que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo suas teias e sua análise", Geertz, 1978:15), e considero que tanto a construção do significado quanto a trans-

Mesmo que os movimentos migratorios tivessem objetivo exclusivamente econômico como a abertura de novos mercados e a acomodação de populações inativas e/ou improdutivas (Sakurai, 1995) não se pôde separar ou apagar os traços culturais que os diversos grupos de imigrantes trouxeram de seus locais de origem.

missão das práticas e comportamentos incluem a diacronia em seu bojo.

Mesmo que os movimentos migratórios tivessem objetivo exclusivamente econômico como a abertura de novos mercados e a acomodação de populações inativas e/ou improdutivas (Sakurai, 1995) não se pôde separar ou apagar os traços culturais que os diversos grupos de imigrantes trouxeram de seus locais de origem.

Dessa forma as diversas manifestações culturais como as representações religiosas, a música, a dança e também as práticas esportivas foram importadas e adaptadas ao local onde esses grupos sociais se instalaram e se estabeleceram.

Ainda que estudos nesta última década explorem o esporte como produto e produtor cultural e sociólogos apontem o esporte como subcultura de subgrupos (Andrews & Loy, 1993; Hughson, 1998), utilizarei a expressão cultural para o esporte na perspectiva de Crosset & Beal (1997) que propõem observar e registrar interações entre grupos, considerando todos os fatos sociais associados a eles.

O maior e mais expressivo exemplo que abrigamos ao longo do século XX é, sem dúvida, o futebol, modalidade britânica de berço que DaMatta (1982) apresenta como "um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira (p. 21)". E não só brasileira como também irlandesa ou sueca como demonstram os trabalhos de Giulianotti (1995; 1996).

Mesmo tendo seu histórico atrelado a uma prática de tempo livre dos ingleses contratados para trabalharem nas tecelagens, estradas de ferro e demais companhias britânicas, o futebol foi sendo adaptado e moldado ao praticante brasileiro, desconhecedor dessa prática esportiva e cultural. Em um primeiro momento o 'estrangeiro' brasileiro era necessário para que os times tivessem o número suficiente de jogadores e se organizassem. Depois de se apropriar das características do jogo o 'nativo' brasileiro acabou por se tornar o 'dono da bola', possibilitando a construção de uma identidade futebolística própria, chegando mesmo a extrapolar essa iden-

tidade para a nação, transformando o Brasil, 'no país do futebol'.

Sendo, portanto, como uma máscara moldada aos contornos de um rosto de onde se extrai detalhes de uma fisionomia, DaMatta (1982) propõe que "o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir. (p. 21)".

Se por um lado o futebol pode ser considerado a tela onde se projeta um Brasil, há casos onde o roteiro se mantém e se alteram os protagonistas. A partir daqui, então, nosso roteiro focará o beisebol e os personagens serão os componentes da colônia japonesa, ou seja, *nikkeis* (japoneses), *nisseis* (primeira geração) e *sanseis* (segunda geração), onde perceberemos certas 'dramatizações' da sociedade japonesa que aqui se instalou, preservou traços e desenvolveu sua própria identidade, constituindo-se em um dos vários ingredientes que se misturam no nosso caldeirão cultural.

GRANDE E ESTRANHO É O MUNDO. PEQUENO É O JAPÃO

A cultura japonesa tem desafiado a história, atravessando os milênios e chegando à modernidade mantendo uma identidade própria.

Barros (1988) considera a cultura japonesa única por sua permanência, por sua unidade e por sua originalidade e, sobretudo, pela intrigante peculiaridade que apresenta, em confronto com a cultura ocidental, de dar respostas aparentemente antípodas aos problemas dos homens. Com relação à história o autor considera a arquetípica, uma vez que esse povo convivendo com a terra, consigo próprio e com outros povos, aprendeu, se organizou, se desenvolveu, sem perder sua identidade, mantendo-se fiel à memória de seus êxitos e erros. E conclui que a conjugação entre cultura e a história produziu o homem japonês - que é síntese e, ao mesmo tempo produtor singular dessa história e dessa cultura únicas.

Não é por acaso que a educação é considerada um dos traços fundamentais do caráter nacional japônês.

Um dos fatos que distingue a formação da identidade japonesa é a busca da harmonia entre contemplação e luta, sem que haja oposição ou contradição nessa relação, representando formas diversificadas de um mesmo sentido de integração consigo próprio e com a realidade exterior. O reflexo dessa conduta é uma postura na vida cotidiana que poderia ser chamada de paciência ativa ou a capacidade de persistir diligentemente tanto em situações de vitória provada quanto de derrota iminente.

Não é por acaso que a educação é considerada um dos traços fundamentais do caráter nacional japonês. Caracteristicamente, no passado, como no presente, a pedagogia japonesa baseia-se no exemplo e na repetição infinita. O mestre é; o discípulo imita.

O princípio essencial do *zen*, que permanece no fundo de toda pedagogia nipônica, de acordo com Barros (1988) está em repetir até que o aprendizado seja esquecido, transformando-se em uma segunda natureza, transformando-se, por assim dizer, em parte integrante (e inconsciente) do comportamento e do espírito da pessoa.

Do ponto de vista histórico e cultural, Yamashiro (1986) ressalta que os japoneses apresentam duas características importantes: a preservação de valores autóctones através do tempo, em continuidade raramente observada na história dos povos; e a capacidade de introduzir, incorporar e assimilar culturas estrangeiras, harmonizando fatores diversos e até conflitantes.

Daí, talvez, a capacidade de adaptação e sobrevivência em locais distantes experimentada pelos vários grupos de imigrantes ao longo deste século, e a 'nacionalização' de práticas esportivas ocidentais, como o beisebol no final do século passado e o futebol nesta última década.

A capacidade de introduzir, incorporar e assimilar valores estrangeiros não passa apenas pela flexibilidade de uma possível aceitação do novo, mas está respaldada numa acertividade em relação à própria cultura. Isso representa o con-

tato consciente com o risco da contaminação, sem temer a iminência da morte.

Esse vínculo com a ancestralidade possibilita ao japonês que imigrou uma ligação perpétua com suas origens. Por isso Kikuchi (1995) diz que "embora continuem identificando-se enquanto japoneses, sua experiência de via no Brasil os tornaram japoneses do Brasil e não do Japão" (p. 103)

E assim tem sido a prática do beisebol no Brasil.

Neste artigo buscarei apresentar um estudo etnográfico da estrutura e organização do beisebol no Brasil, considerando os seguintes aspectos:

- a. As relações da organização institucional dos times com a constituição familiar dos descendentes de japoneses;
- b. O papel desempenhado pelos homens como gerentes e técnicos dos times e a função paterna desempenhada no lar;
- c. A submissão feminina em relação aos homens e o exercício de poder indireto desfrutado pelas mulheres.

Esse estudo foi realizado após um ano e meio de convívio, como psicóloga, com um grupo de aproximadamente 120 atletas, divididos em 8 categorias, masculinas e femininas. Da convivência com atletas e suas famílias surgiu a possibilidade de atuar com uma perspectiva que Augras (1995) denomina psicologia da cultura onde se busca "descrever as modalidades pelas quais se constrói e se expressa a pessoa dentro de determinada cultura e, a partir dessa observação, tentar compreender aspectos fundamentais da realidade humana" (p. 19).

FAMÍLIA, CLUBE, ORGANIZAÇÃO SOCIAL E EXPECTATIVAS

O beisebol chegou ao Brasil juntamente com o primeiro grupo de imigrantes japoneses,

Esta forma de organização faz com que os filhos se deparem com uma rede de interações sociais estruturada que os leva à prática do beisebol, ainda que esta modalidade não ocupe a sua preferência (Rubio & Angelo, 1998).

em 1908. De origem vinculada à prática dos jogos ingleses como o *rounders* e o *cricket*, o beisebol alcançou grande desenvolvimento nos Estados Unidos (Batista Jr., 1998), mas foi por meio dos japoneses que começou a ser praticado no Brasil, desenvolvendo-se nas regiões onde as colônias de imigrantes se instaram para trabalhar na lavoura do café como no noroeste paulista, região sorocabana e norte do Paraná.

Desde sua implantação o beisebol obedece à uma dinâmica própria tanto no que se refere às questões técnicas e táticas, como principalmente no gerenciamento de times e clubes. Praticado por japoneses e seus descendentes, tendo como princípios básicos a obediência à hierarquia e à disciplina, a educação dos jogadores era o principal objetivo daqueles que difundiram sua prática (Batista Jr., 1998). Com o passar dos anos e a inexorável aproximação com a população brasileira, além do sincretismo cultural que a colônia foi vivendo, algumas práticas foram flexibilizadas, como o ingresso dos *gaijins* (estrangeiro, ocidental) nos times, mantendo, porém, a espinha dorsal do esporte baseada na organização dos clubes.

Essa organização começa pela cotização das responsabilidades dos clubes por família, entendendo-se por responsabilidade não apenas o pagamento de mensalidades, mas o acompanhamento das equipes em treinos e jogos, manutenção dos campos, participação nas várias atividades que acontecem em dias de torneio - mesmo que não seja da categoria onde o filho joga - participação na arbitragem e anotação de jogos, entre outras tantas atividades. Esse tipo de associação não remete apenas a uma atividade de lazer, uma vez que, assumida a responsabilidade por alguma tarefa, aquela família obriga-se a todos os finais de semana, e em alguns casos até mais, cumprir com o compromisso assumido.

A contribuição familiar se dá também em outros níveis. Os atletas são conhecidos e reconhecidos por seu sobrenome, ou seja, pela história da família, que muitas vezes já abrigou atletas reconhecidos em outras gerações.

Desenvolver seu próprio nome e sua própria identidade passa a ser tarefa árdua para alguns jovens que buscam trilhar um caminho particular. Há casos de irmãos competirem numa mesma categoria e carregarem na camiseta um mesmo nome, diferenciado por uma letra com um ponto, que seria seu pré-nome, utilizado apenas em círculos restritos, ou seja, no plano público nome ou apelido são preservados e aquele sujeito é membro de uma determinada família.

Isso quer dizer que, em grau mais abrangente e sem perder de vista as características da cultura japonesa, esse sujeito, que carrega o nome da família nas costas, é responsável por uma imagem que não é só sua, mas também de seus ancestrais, que no processo de imigração sofreram com a constituição de famílias 'artificiais'. Conforme Kikuchi (1994) a ocorrência dessas constituições deveu-se a uma exigência legal de que somente estariam aptos a permanecer no país os grupos familiares que dispusessem de no mínimo três "braços" (indivíduos capacitados para o trabalho na lavoura). Dessa forma, vários casais acompanhados de filhos pequenos ou idosos viam-se obrigados a se agruparem com indivíduos que, freqüentemente, nem conheciam. Há relatos de que vários desses agregados eram apenas aventureiros que muitas vezes terminavam por desagregar ou 'macular' o nome das famílias com as quais chegaram ao país.

A convivência das famílias que formam a comunidade do clube estreita-se à proporção que crescem as responsabilidades dos filhos como atletas, e dos pais que se envolvem com a infraestrutura do clube. Esta forma de organização faz com que os filhos se deparem com uma rede de interações sociais estruturada que os leva à prática do beisebol, ainda que esta modalidade não ocupe a sua preferência (Rubio & Angelo, 1998). Envolvidos com a rotina da equipe que treina e joga todos os finais de semana - e em alguns casos algumas noites durante a semana - esses adolescentes não têm outra escolha senão permanecer no grupo, uma vez que a equipe esportiva acaba por se tornar também referência social, núcleo de convivência, e aí, mais uma vez, a influência parental pode ser decisiva.

Se por seu lado o técnico acredita estar fazendo certo e o melhor, o atleta, aquele que vivencia a prática, não tem conhecimento científico mas percebe que alguma coisa pode não estar certa ou passando do limite.

Para os pais a prática do esporte pode determinar comportamentos que vão interferir na dinâmica familiar e escolar do filho, pode servir como regulador da vida social do adolescente no sentido de oferecer o conhecimento de limites - a derrota e a vitória - e pode ainda oferecer uma possibilidade de preenchimento do tempo livre e o conseqüente afastamento do ócio, encarado pelos mais velhos como um perigo. Para os atletas a participação em treinos e jogos demanda sacrifício e dedicação que excede seu próprio desejo e esforço, e o envolvimento da família no clube impossibilita um rompimento saudável com essa estrutura.

Com base nessas expectativas os pais acreditam que o esporte torna seus filhos-atletas mais disciplinados, além de se equiparar a uma escola para a vida - no que se refere ao aprendizado de conquistas - e vêem a prática esportiva como uma atividade de lazer, ainda que seus comportamentos em situação de jogo indiquem a valorização excessiva das situações de vitória. Os atletas, por sua vez, diante da obrigatoriedade e responsabilidade em relação a treinos e competições, reconhecem esse esforço como um sacrifício a mais para satisfazer os desejos dos pais do que os seus próprios, sentindo-se pressionados pelo passado destes, além de desejarem mais liberdade ao invés da obrigatoriedade semanal de treinos e competições, sendo que não acreditam que seu futuro profissional esteja relacionado com a atividade esportiva.

PAIS, EX-ATLETAS, TÉCNICOS E GERENCIADORES

O beisebol jogado na grande maioria dos times brasileiros na atualidade segue um padrão de hereditariedade cuja dinâmica está pautada na experiência dos mais velhos, que ao encerrarem sua carreira como atletas tornam-se técnicos, levando consigo, aplicando e perpetuando um padrão de treinamento e preparação física que aprenderam e praticaram. Parte dessa dinâmica foi quebrada por alguns times que estabeleceram relação de intercâmbio com Cuba, uma das maiores escolas de beisebol da atualidade,

recebendo técnicos e sofrendo a influência dessa escola.

A condição de hereditariedade da qual falamos implica, muitas vezes, ou melhor, quase sempre, numa prática pouco reflexiva que gera, na atualidade, confronto com muitos atletas. Isso porque a atitude questionadora desses jovens deixou de ser 'falta de educação' para se tornar um comportamento desejável e digno de endosso, principalmente por parte daqueles que sofreram com a autoridade inquestionável do pai japônês. Essa preocupação é expressa na fala de uma mãe:

Eu não quero que meu filho simplesmente abaixe a cabeça e obedeça ordens. Isso fez muito mal para mim e minha geração. Essa submissão acaba se refletindo no trabalho, em casa, na escola. Hoje eu prefiro ter um filho respondão e briguento, do que ser bonzinho e feito de bobo por todos. Se o técnico estiver errado ele tem que responder mesmo.

Mesmo que essa relação não seja feita de imediato, a figura do técnico é a projeção, e em alguns casos a reprodução, de um modelo paterno onde conhecimento e autoridade se somam, resultando em poder quase ilimitado sobre o grupo de atletas que dirige. E mesmo diante da evolução da pedagogia do movimento humano e do esporte, assistimos a padrões de treinamento que além de obsoletos colocam em risco o bom desenvolvimento da criança e seu corpo, por conta da repetição excessiva de movimentos ou pela sobrecarga de esforço.

Se por seu lado o técnico acredita estar fazendo certo e o melhor, o atleta, aquele que vivencia a prática, não tem conhecimento científico mas percebe que alguma coisa pode não estar certa ou passando do limite.

Tia. Será que isso está certo? A gente já treinou das 8 até agora (5 horas da tarde). E certo fazer a gente correr mais meia hora?

Perguntado sobre o planejamento do treino que incluía essa corrida, o técnico respondeu que ele sempre fez aquilo, que chegou a ser um dos melhores jogadores do Brasil e que dava certo, por isso ele seguia fazendo desse jeito que

Outra questão muito particular do universo do beisebol é o papel desempenhado pelas mulheres. Estrutura rígida e patriarcal, times e clubes são dirigidos e gerenciados por homens que se agrupam e subdividem nas várias funções exigidas para o seu funcionamento.

ele próprio aprendera. Essa resposta não foi dada de maneira agressiva ou defensiva. Ela foi expressa com a mesma tranqüilidade com que se prova um prato saboroso ou se recorda de uma lembrança de família.

Essa atitude confirma aquilo que Barros (1988) chama de " formalismo hierárquico" nas relações entre japoneses. Ou seja, por um lado, o ritual de polidez no relacionamento inter-pessoal, e por outro a natureza absolutamente intimista "que é a pré-condição e característica universal de qualquer relação pessoal entre (ou com) japoneses" (p. 164).

MULHERES, MÃES, PROVIDORAS E MANTENEDORAS

Outra questão muito particular do universo do beisebol é o papel desempenhado pelas mulheres. Estrutura rígida e patriarcal, times e clubes são dirigidos e gerenciados por homens que se agrupam e subdividem nas várias funções exigidas para o seu funcionamento. Porém, quase todos os clubes são amadores, mantendo-se, muitos deles há várias décadas, sem ajuda financeira externa ou presença de patrocínio. Isso tem representado, ao longo dos anos, a elaboração de estratégias criativas para a sobrevivência e continuidade dos times.

A mais destacada delas está justamente nas mãos daquelas que são excluídas das tomadas de decisão: as mulheres, quase todas elas mães dos atletas ou esposas dos dirigentes.

Organizadoras e realizadoras do *baiten* - a refeição feita e servida no clube - transformam a renda da cozinha no suporte financeiro que mantém o clube em funcionamento. É importante ressaltar que na cozinha se alternam vários 'times' de mulheres-mães que se revezam nos finais de semana para realizar as refeições. Essa atividade voluntária, além de permitir a renda da instituição clube é também um indicador da sua organização.

Se desde o princípio vimos afirmando que o gerenciamento do clube segue um modelo da

estrutura familiar, e se a cozinha é a fonte geradora de recursos, temos no seu funcionamento um denunciador do empenho com que os pais se dedicam ao clube. A fala de um técnico que vive o beisebol há mais de 50 anos oferece a possibilidade de compreensão da importância desse departamento no clube.

O S. foi um dos maiores clubes que já existiu no Brasil. Teve grandes jogadores e todo mundo tinha medo de jogar contra eles. O campo deles era um dos mais bonitos e organizados que tinha. Sabe por que acabou? Porque quebrou o baiten. As mulheres não quiseram mais saber da cozinha, os meninos não quiseram mais jogar... Acabou o time.

Se atentarmos para o simbolismo dessa função feminina, mais que cuidar da cozinha do clube, as mulheres assumem o papel de provedoras de pessoas - a mãe que cuida, que sustenta, que alimenta - e do time - a manutenção da função mantém a instituição. Inferiorizada socialmente, no entanto, a mulher tem seu papel reconhecido e valorizado tanto no âmbito familiar como na instituição esportiva.

Se, por um lado, o pai japonês é sinônimo de autoridade inquestionável pela razão e, por vezes, pela força, a mulher é sinônimo também de uma autoridade inquestionável que passa pelo cuidado excessivo e super-proteção num sistema de educação que atinge seus objetivos pela persistência e repetição.

A cena apoteótica do reconhecimento da função da mulher no clube é dada na atitude do time visitante ao final de um jogo ou torneio: antes de voltarem aos seus locais de origem, os atletas perfilam-se diante da cozinha e, boné nas mãos, fazendo uma grande reverência, agradecem, em japonês, às mulheres responsáveis pela comida, que detrás do balcão retribuem ao agradecimento com uma salva de palmas. Mais que um gesto desobrigado esse comportamento é mais um dentre os vários rituais realizados por *nisseis*, *sanseis* e *gaijins* que, hoje, compõem as diversas equipes de beisebol brasileiras.

Detalhe importante sobre o agradecimento, é que vários *gaijins* participam da cerimônia sem saber o que as palavras ditas significam.

BUSCANDO CONCLUIR

É comum ouvir entre os imigrantes japoneses que o Brasil foi uma mãe, grande e acolhedora, e o Japão, por sua vez, o pai, que o colocou no mundo e serviu como referência de vida. Diante dessa metáfora é possível perceber o esforço que grande parte dos japoneses que imigraram para o Brasil tiveram que fazer para se adaptar a uma terra e um povo com hábitos e costumes tão diversos dos seus.

O beisebol, como prática esportiva e reflexo desse contexto, vem apresentando um movimento denunciador tanto do que vem ocorrendo nesses grupo social quanto no esporte. No esporte observamos o desejo da expansão, mas também o temor da perda do controle de uma estrutura organizada e administrada por quem vive o esporte há quase um século. No grupo social, uma transformação do formalismo hierárquico com a incorporação de valores ocidentais que se afrontam com aqueles preservados pelos ancestrais ocidentais. A obrigação ética suprema de fazer de si o melhor possível, transforma-se em fazer de si apenas o possível.

Mesmo sem tradição competitiva as Seleções Brasileiras Infantil (11-12 anos) e Junior (14-15 anos) conquistaram títulos mundiais, despertando o interesse de times americanos e japoneses por esses atletas e pela gestão dos clubes brasileiros. Mesmo que vivendo a modernidade naquilo que se refere a bens de consumo e o liberalismo na prática empresarial, o descendente do imigrante japonês ainda sente dificuldade de tratar seu esporte natal com tamanho desprendimento.

Depois de superar a discriminação, pautada no controle, poder e hierarquia (DeSensi, 1995) e se render à mestiçagem, o beisebol no Brasil passa por uma revolução silenciosa, preservando, porém, os traços mais marcantes de sua estrutura, baseado no sistema familiar, para não dizer feudal, num mundo de placares eletrônicos e bastões de alumínio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREWS, D.; LOY, J. British cultural studies and sport: past encounters and futures possibilities. *Quest.* 45, 1993, 255-275.
- AUGRAS, M. *Psicologia e cultura*. Rio de Janeiro: Nau, 1995.
- BARROS, B. F. *Japão. A harmonia dos contrários*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
- BATISTA Jr., M. *Beisebol no Brasil: breve histórico e perspectiva*. Mimeo, 1998.
- CROSSET, T; BEAL, B. The use of "subculture" and "subworld" in ethnographic works on sport: a discussion of definitional distinctions. *Sociology of Sport Journal.* 14, 1997,73-85.
- DAMATTA, R. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- . *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990.
- DESENSI, J. T Understanding multiculturalism and valuing diversity: a theoretical perspective. *Quest.* 47, 1995,34-43.
- FAVROD, C. *A antropologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIULIANOTTI, R. Football and the politics of carnival: an ethnographic study of Scottish fans in Sweden. *International Review for the Sociology of Sport.* 30/2, 1995, 191-220.
- . Back to the future: an ethnography of ireland's football fans at the 1994 World Cup Finals in the USA. *International Review for the Sociology of Sport.* 31/3,1996,323-345.
- HUGHSON, J. Among the tugs. The 'new ethnographies' of football supporting subcultures. *International Review for the Sociology of Sport.* 33/1, 1998, 43-57.
- KIKUCHI, M. Y. O fazer poético e a memória para um grupo de velhos imigrantes japoneses. *Imaginário*. N. 02, 1995, 101-121.
- RUBIO, K.; ANGELO, L. F. A expectativa dos pais em relação a prática esportiva dos filhos: estudo de caso de uma equipe de beisebol. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Psicologia do Exercício e do Esporte e do I Congresso Catarinense*

de *Psicologia do Exercício e do Esporte*. Tubarão, 1998.

SAKURAI, C. Primeiros pólos da imigração japonesa no Brasil. *Revista USP. Dossiê Japão*. n. 27, 1995.

YAMASHIRO, J. *Historia da cultura japonesa*. São Paulo: Ibrasa, 1986.

UNITERMOS

Prática esportiva; cultura; beisebol; imigrante.

**Katia Rubio é professora Ms. da Escola de Educação Física e Esporte da USP. Doutoranda pela Faculdade de Educação da USP. e-mail:*

katrubio@usp.br